

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E LITERATURA INFANTOJUVE-
NIL: POSSIBILIDADES DIDÁTICAS PARA ESTUDANTES DOS
ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Priscilla Cândido (UEMS)

pryarts80@gmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

Adélia Maria Evangelista (UEMS)

adelia@uems.br

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)

sierra@uems.br

RESUMO

Este artigo tem por intento apresentar uma reflexão sobre a utilização das variedades linguísticas em narrativas literárias infanto-juvenis e os recursos específicos da língua escrita na representação dos tipos de variedades linguísticas na formação leitora desse público. Para isso, analisou-se a premiada obra de Keka Reis “O dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas Ilhas Maldivas” e na sequência levanta-se possibilidades didáticas em relação a este fenômeno da língua, a partir da leitura da obra supracitada por estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Aportes teóricos como Possenti (1996), Costa Val (2006), Coelho (2000), Cosson (2006), foram pilares deste estudo, além de documentos oficiais da Língua Portuguesa. No que diz respeito às variações linguísticas, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. A metodologia utilizada foi natureza descritiva e interpretativa com abordagem qualitativa e como resultado, observou-se que a obra analisada perfila a linguagem falada pelos adolescentes da contemporaneidade, pois campo lexical usado pela autora excita o leitor uma vez que ele consegue identificar-se nas falas dos personagens. Este estudo visa oportunizar a ampliação do repertório linguístico e a competência interlocutora dos estudantes, percebendo as variantes comunicativas, porém, sem desconsiderar o uso da norma culta, tanto em relação à escrita quanto na linguagem enunciativa.

Palavras-chave:

Literatura infantojuvenil. Possibilidades didáticas. Variação linguística.

ABSTRACT

This article aims to present a reflection on the use of varieties linguistic scans in children’s literary narratives and the specific resources of the written language representation of the types of linguistic varieties in the reading training of this audience. To this, analyzed the award-winning work of Keka Reis, “The day my life changed because of a chocolate bought in the Maldives”, and then there is a possibility of didactic in relation to this phenomenon of language, from the reading of the work mentioned above by students from the final years of elementary school. Theoretical

contributions such as Possenti (1996), Costa Val (2006), Coelho (2000), Cosson (2006), were pillars of this study, in addition to official documents of the Portuguese language (LP). With regard to linguistic variations, the Common National Curriculum Base (BNCC) proposes to recognize the varieties of the concept of standard and linguistic prejudice. The methodology for practical pathways in LP was descriptive and interpretative in nature with an approach to qualitative. For the final results it was observed that the analyzed work profiles the language spoken by contemporary adolescents, because lexical field used by the author excites the reader once he manages to identify himself in the lines of the characters. This study aims to provide for the expansion of the linguistic repertoire and the interlocutor competence of the students, perceiving communicative variants, however, without disregarding the use of the both in relation to writing and enunciative language.

Keywords:

Children's literature. Didactic possibilities. Linguistic variation.

1. Introdução

Nos últimos anos o ensino de Língua Portuguesa tem ganhado especial destaque nas discussões acadêmicas e políticas assumindo uma ressignificação de seu papel, antes visto como uma entidade imutável, homogênea, que paira por sobre os falantes, ganha agora uma conotação dialógica e libertadora demandando assim uma prática pedagógica crítico reflexiva e emancipatória.

No intuito de contribuir com a discussão que gira em torno dessa temática, o trabalho que ora se segue, apresenta uma reflexão sobre o emprego das variedades linguísticas em narrativas literárias infanto-juvenis e seu papel influenciador na formação leitora desse público. Diante desta proposta, optou-se pela obra “O dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas Ilhas Maldivas” de Keka Reis, indicada ao Prêmio Jabuti em 2018 na categoria infantojuvenil, a qual serviu como texto base para percebermos os recursos específicos da língua escrita na representação dos tipos de variedades linguísticas usadas por estudantes da faixa etária dos sextos anos do ensino fundamental, (10 a 12 anos, aproximadamente).

O referencial teórico que sustenta este estudo encontra se ancorado nos escritos de Sírio Possenti, que explora as diversas áreas da linguística, com ênfase em teoria e análise linguística, principalmente na subárea da análise do discurso, em especial nos campos do humor e da mídia, Maria da Graça Costa Val, que atua principalmente nos campos do letramento literário, leitura, produção de textos e reflexão linguística. Também Nelly Novaes Coelho, exímia crítica da Literatura Infantil, além

de documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que propõe reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

Diante do exposto, discutimos a princípio, os conceitos de Variação Linguística visando observar condições de aprendizagem significativa com relação à linguagem e sua tipologia seja ela disfásica, histórica, diatópica e/ou diastrática e como é abordada na escola.

Posteriormente o trabalho dedica-se a pensar a importância da inserção da literatura infanto-juvenil nos primeiros anos do ensino fundamental, fase essa que permeia a faixa etária entre 10 a 12 anos aproximadamente, em que o incentivo à leitura é essencial para que a prática se torne prazerosa e autônoma, colaborando assim para o desenvolvimento do senso crítico enquanto leitor.

Por fim, tratamos das possibilidades didáticas para estudantes nos primeiros anos do ensino fundamental na intenção de propiciar aulas mais atrativas e dinâmicas contribuindo para um possível redimensionamento no processo de formação de professores, a partir de uma sequência de atividades tendo como base a obra “O dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas Ilhas Maldivas” da editora Sequinte.

2. A variação linguística na escola

O estudo da variação linguística na escola ainda é um assunto gerador de muita discussão no que diz respeito à constituição do como sujeito falante da língua moderna, isso porque o cenário educativo configura a prática de um ensino ainda tradicional, resistente ao novo formato no modo de falar das pessoas, principalmente nas variadas circunstâncias de comunicação

Amparando-se nas teorias de Possenti (1996) é possível perceber que há por parte de muitas pessoas e até mesmo professores, objeções em reconhecer a nossa língua como identidade, que despreza o sentido das variações linguísticas sendo consideradas por estudiosos como “erradas” ou não adequadas à norma culta. Fatores como o grau de escolaridade, faixa etária, *status* social e geográfico, influência da mídia, entre outros, podem promover o surgimento de variações linguísticas num mesmo sistema linguístico, o que ocorre claramente no Brasil atualmente.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Alguém que estivesse desanimado pelo fato de que parece que as coisas não dão certo no Brasil e que isso se deve ao "povinho" que habita esse país (conhecem a piada?) poderia talvez achar que tem um argumento definitivo, quando observa que "até mesmo para falar somos um povo desleixado". Esse modo de encarar os fatos de linguagem é bastante comum, infelizmente. Faz parte da visão de mundo que as pessoas têm a respeito dos campos nos quais não são especialistas. (POSSENTI, 1996, p. 33)

Para o desenvolvimento de um ensino significativo, é necessário proporcionar protagonismo ao estudante para que ele mesmo possa refletir sobre a língua. Legitimando suas capacidades prévias, o mesmo autor destaca que "aprender uma língua é aprender a dizer a mesma coisa de muitas formas" (POSSENTI, 1996, p. 94) e que ao fazer uso dela, o aluno se torna capaz de compreender suas particularidades quanto aos diversos contextos e condições em que a língua está inserida.

Com base nessa percepção é possível constatar que ainda são tímidas as discussões sobre as variações linguísticas na sala de aula. Os regimentos sociais exigem da escola uma demanda cada vez maior de estudantes que apliquem com a ferro às regras de estrutura da língua apreendidas nos livros didáticos, o que torna o ensino baseado no certo e no errado, desconsiderando a identidade linguística tanto do professor quanto do estudante. É preciso propor as regras sim e ajustar as inadequações que violem os padrões da gramática normativa, porém, sem desconsiderar as diferenças sociolinguísticas e os demasiados contextos em que o estudante pode estar submetido, conforme Bortoni-Ricardo, (2004) postula em:

O professor identifica "erros de leitura", isto é, erros na decodificação do material que está sendo lido, mas não faz distinções entre diferenças dialetais e erros de decodificação na leitura, tratando-os todos da mesma forma; o professor não percebe uso de regras não padrão [...]; o professor percebe o uso de regras não padrão e prefere não intervir para não constranger o aluno; o professor percebe o uso de regras não padrão, não intervém e apresenta, logo em seguida, o modelo da variante padrão. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 38)

Nessa perspectiva, a sociolinguística pode ser incorporada aos planos de estudo da escola, a fim de construir estratégias que possam solucionar as problemáticas no modo como a variação linguística e o preconceito linguístico são tratados pela instituição. No bojo dessa discussão, autores como Bagno (2007, p. 15) entende que é preciso considerar a diversidade da língua já que ela imprime uma condição especial à modalidade de fala, esta, relacionada a inúmeros fatores como, "a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a

todos os [...] milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc.” Gomes (2009, p. 66) reforça essa argumentação ao dizer que “a sociolinguística vem contribuir para essa relação com a sociedade, de como a língua varia e muda de acordo com os contextos e os relacionamentos sociais.”

É relevante ainda salientar que à luz da Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC), base orientadora para a Educação Básica Nacional, no que se refere à variação linguística, a quarta competência geral orienta que o estudante deve “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2017, p. 85). A BNCC versa de forma objetiva sobre a tipologia das variações seja ela disfásica, histórica, diatópica e/ou diastrática, além de caracterizar a língua como sendo um sistema que tem como objetivo direcionar o estudante para um despertar da autonomia e do protagonismo preparando-os gradativamente na sua formação escolar desde o 6º ao 9º ano.

3. *A importância da inserção da literatura infantojuvenil nos anos finais do ensino fundamental*

A palavra literatura tem origem no latim, e também pode ser considerada como manifestação de arte segundo Aristóteles, filósofo grego, que a sintetizou como: “Arte literária é mimese (imitação); ou seja, é a arte que imita pela palavra”.

De acordo com o que destaca Marisa Lajolo “a forma latina *litteratura* nasce de outra palavra igualmente latina: *littera*, que significa letra, isto é, sinal gráfico que representa, por escrito, os sons da linguagem” (LAJOLO, 1986, p. 29). Em conexão com essas considerações, Cecília Meireles afirma que literatura infantil é o que se “refere às obras especialmente escritas para a infância”, com propósito não somente de “entreter a criança, ou de transmitir noções morais”, mas em “transmitir, de maneira suave, os conhecimentos necessários às várias idades” (MEIRELES, 1979, p. 78).

A história da literatura infantil está ligada à história da própria concepção de infância e somente no final do séc. XVII e durante o séc. XVIII que primeiros livros para crianças foram produzidos, antes disso não havia essa distinção etária, não havia o que chamamos de “infância”

hoje. A partir então do surgimento da burguesia e a valorização de um modelo familiar burguês, a criança ganha um enfoque de reprodução da classe, sendo necessária transmissão de valores burgueses e uma educação consolidada nos moldes dessa classe social. A fim de transmitir os valores desse novo modelo familiar focado na valorização da vida doméstica, fundada nos moldes religiosos, no casamento e na educação de descendentes, surge a literatura infantil.

Nessa perspectiva, Coelho (1991) entende que a Literatura Infantil é:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo. (COELHO, 1991 p. 5)

Ademais, Bruno Bettelheim (2002, p. 13) que entende por literatura infantil aquela que tem por objetivo “desenvolver a mente e a personalidade da criança” e não só divertir e informar; como a que se deve ter significado para a criança, isto é, transmitir as experiências da vida. O autor ainda aponta que a literatura, principalmente a dos contos de fadas é o melhor meio para ensinar o “significado” para a criança, uma vez que ao ouvir uma história a criança, também, pode conhecer os padrões morais de uma sociedade, levando, assim, para o seu cotidiano, os conceitos presentes nas histórias.

Cosson, (2006) salienta que há diferença entre o letramento literário e a leitura literária deleite; na verdade, uma está subordinada a outra. Para ele, o ensino da literatura deve ser acontecer na escola:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2006, p. 23)

O autor destaca ainda algumas teorias linguísticas sobre o processamento sociocognitivo da leitura, abordando questões relevantes como decodificação, interpretação, construção de sentido de um texto. Ele apresenta as quatro etapas do letramento literário e uma sequência básica para desenvolver atividades leitoras tendo como objeto a literatura. São elas: a motivação, que consiste na preparação do aluno para que ele “entre” no texto. Ele precisa se sentir entusiasmado, isso acontece quando há

uma “moldura”, uma situação que lhe permite uma interação criativa com a leitura.

Outra maneira é a introdução, onde é feita a apresentação do autor e da obra. Esta não deve ser transformada numa longa aula de biografia do autor, além contextualizar a obra, “falar da obra e da sua importância naquele momento, justificando a sua escolha” podendo ser esta uma estratégia para instigar o leitor, mas “independentemente, da estratégia utilizada para introduzir a obra, o professor não pode deixar de apresentá-la fisicamente aos seus alunos” (COSSON, 2006, p. 60) .

A terceira etapa é a leitura do texto em si, que deve ter um acompanhamento do professor, este não deve ser confundido com “policiamento”. O autor chama esse acompanhamento de “intervalos”, no qual há a oportunidade de verificação da leitura como também, sanar algumas dificuldades relacionadas à compreensão do texto. A observação de tais dificuldades pode marcar “o início de uma intervenção eficiente na formação de leitor daquele aluno” (COSSON, 2006 p. 64).

A última etapa é a interpretação e para o autor ela se dá em dois momentos, um interior e outro exterior. O momento interior compreende a decifração, é chamado de “encontro do leitor com a obra” e não pode ser de forma alguma substituído por algum tipo de intermediação como resumo do livro, filmes, minisséries. É o momento em que “o texto literário mostra sua força, levando o leitor a se encontrar (ou se perder) em seu labirinto de palavras”. Já o momento exterior é a “materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (COSSON, 2006, p. 65-6). É no momento externo da interpretação que percebemos a diferença entre o letramento literário feito na escola e a leitura literária que fazemos independentemente dela.

A BNCC, para o Ensino Fundamental, na competência nove aborda o desenvolvimento do ensino literário nesta etapa de aprendizagem, direcionando o aluno a:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2017, p. 85)

As orientações destinadas especificamente ao ensino de língua portuguesa são voltadas para o aprofundamento, análise e funcionamento

da linguagem. Essa orientação norteia o desenvolvimento das habilidades dessa disciplina, ou seja, como literatura está sujeita ao ensino de português, suas regras estão relacionadas na expansão das referências estéticas sendo perceptível a superficialidade dessas orientações que apontam um tratamento negligente na forma como a Base orienta o conhecimento literário. O posicionamento tomado pelo documento indica que, por ter a língua como base, a literatura seria um prolongamento de língua portuguesa, em que a diferença estivesse apenas no âmbito artístico do texto. Todavia, a literatura é uma arte específica e deve ser compreendida e estudada por suas singularidades e devidos objetivos.

4. Possibilidades didáticas para estudantes nos anos finais do Ensino Fundamental

É possível perceber as transformações ocorridas no ensino da Língua Portuguesa, com o foco em formar críticos capazes de interagir com diversos tipos de textos que circulam na esfera social, perceber a língua como instrumento de comunicação a fim de reconhecer e valorizar a linguagem nas suas variedades enquanto grupo social e principalmente usar esse conhecimento adquirido para expandir as possibilidades de uso da língua, ainda assim é preciso repensar a abordagem dada aos aspectos variacionistas da língua e seus usos.

De um lado a norma culta que rege o idioma e norteia o ensino da Língua Portuguesa na escola já que por meio dela temos acesso às várias maneiras de pensarmos a língua, pois se trata da variante de prestígio à luz da gramática normativa. Do outro as variações linguísticas às quais contemplamos uma linguagem que valoriza as diversidades e seus diferentes usos sociais, possibilitando que o estudante possa praticar a linguagem com maior autoconfiança e propriedade às suas necessidades.

Diante desse contexto, salienta-se a importância da leitura propiciada em práticas pedagógicas capazes de despertar o gosto pela leitura. Nesse sentido, para abordar a literatura infantil se faz oportuno mencionar da obra “O dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas Ilhas Maldivas” que serviu como texto base para as reflexões propostas neste artigo que abordou possibilidades de intervenções acerca das variações linguísticas por meio da leitura da obra de Keka Reis, indicada ao Prêmio Jabuti em 2018 na categoria infanto-juvenil. A autora usa registros linguísticos informais e bem próximos ao do cotidiano dos adolescentes na atualidade.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Cosson (2006) apresenta ao longo de sua obra diversos relatos de experiências muito proveitosas aplicadas por ele e também por alunos nos quais ele ministrava aulas na faculdade. Há também questionamentos de professores que participavam das oficinas que ele ofertava, o que credibiliza a obra no sentido de que as possibilidades de se fazer o letramento literário sejam possíveis a partir das instruções feitas pelo autor. Para Cosson (2006):

[...] o importante é que o professor perceba que essas atividades são possibilidades que só adquirem força educacional quando inseridas em um objetivo claro sobre o que é ensinar e porque ensinar desta ou daquela maneira, [...] sem uma direção teórica e metodológica estabelecida, podem até entreter os alunos e diverti-los, mas certamente não apresentarão a efetividade esperada de uma estratégia educacional. (COSSON, 2006 p. 121)

Assim, é evidente que a falta de interesse pela literatura se dá pela forma como ela é introduzida no âmbito escolar. Muitos professores impõem a memorização de conceitos e características das diversas escolas literárias, tal como a biografia de autores, ademais, é preciso destacar que os estudantes encontram dificuldades em compreender o vocabulário e também nas estruturas sintáticas e semânticas da língua que permeiam os textos literários.

Cosson (2006) afirma em seu texto que a literatura ainda não tem a acessibilidade que deveria “[...] Por fim, há aqueles que desejam muito estudar literatura ou qualquer outra coisa. Todavia, seja por falta de referências culturais ou pela maneira como a literatura lhes é retratada, ela se torna inacessível. Para eles, a literatura é um mistério, cuja iniciação está fora de seu alcance”. (COSSON, 2006, p. 11) E nos orienta para reverter essa situação através de possibilidades didáticas para o desenvolvimento da literatura na escola.

Nesse âmbito, sobre as possibilidades para o ensino da literatura, existem diferentes formas de exercitá-la dependendo do contexto em que o indivíduo está inserido. Todavia, é essencial que o letramento literário torne-se uma constante na vida do indivíduo, uma vez que, por ela este se enquadra no universo dos mais diferentes discursos. Como estratégias para o desenvolvimento deste ensino em sala de aula, Cosson (2006) aponta três maneiras que o estudante pode praticar e se tornar um exímio leitor, sendo essas:

✓ **Oficina**

Os fundamentos da oficina se fazem a partir do revezamento entre uma atividade de leitura e outra escrita, ou seja, para cada atividade de leitura uma produção escrita ou um registro deve acontecer. Essas atividades delineiam os trabalhos lúdicos ou os relacionados à criatividade verbal que unam as sequências (COSSON, 2006, p. 48).

✓ **Andaime**

Consiste em compartilhar com o aluno conceitos a fim de promover a construção do conhecimento sendo ele amparado pelo professor como um andaime, uma sustentação, com objetivando autonomia ao estudante no que diz respeito às atividades propostas pelo professor. “[...] o andaime está ligado às atividades de reconstrução do saber literário, que envolvem pesquisa e desenvolvimento de projetos por parte dos alunos” (COSSON, 2006, p. 48).

✓ **Portfólio**

O uso do portfólio possibilita tanto o aluno quanto o professor fazer um registro das atividades realizadas ao longo do tempo e também a observação dos avanços que ocorreram nesse entretempo, oportunizando uma comparação dos resultados iniciais com o desfecho das atividades (COSSON, 2006, p. 48-9).

Para a intervenção nas aulas de leitura usando a obra “O dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas Ilhas Maldivas” sugere-se a seguir, atividades propostas por Cosson (2006) no capítulo “Oficinas” onde o enfoque está na prática, com o objetivo não só de desenvolver a competência leitora nos estudantes, como também entreter e divertir, tornando a prática prazerosa e eficaz.

Como ponto de partida, a técnica do Portfólio juntamente com algumas oficinas seriam propostas para a realização da leitura. O foco aqui são sugestões, portanto nos atemos aos 8 capítulos iniciais, disponíveis em domínio público, da obra literária escolhida para análise, a fim de que não haja delongas. As atividades devem ser realizadas nas aulas de leitura onde a cada assunto abordado nos capítulos lidos uma oficina deve ser realizada.

A oficina “Vida nova” consiste em o professor explicar para os alunos que algumas palavras e expressões de tanto serem usadas perderam o seu sentido original. (COSSON, 2006 p. 128). Depois solicita-se

aos alunos que busquem expressões que recuperem seu sentido original e as inclua em frases. Essa oficina pode ser trabalhada nos dois primeiros capítulos da obra cujos títulos são “Começo da manhã” e “A Jade” onde a protagonista da história, Mia, apresenta uma descrição do início de seu dia, comum e sem novidades a espera da perua que a levaria para a escola. Ela usa no contexto de sua fala palavras comuns do vocabulário infanto-juvenil, e ao apresentar a amiga Jade em um capítulo especial ela faz uso de gírias e neologismos. Pode-se analisar a variação linguística usada na narrativa e a verificação do significado dos neologismos com a utilização de um dicionário ou até mesmo consultas na internet.

A oficina “O novo personagem” constitui-se em oferecer aos alunos um determinado ambiente e incluir um novo personagem nesse lugar. Incitar os estudantes a pensar na inserção desse novo personagem ou até mesmo de outros, no ambiente em que se passa a narrativa, nesse caso a escola que Mia estuda. “Começo da manhã, na aula de ciências” e “Era o tipo de piada velha para o sexto ano” se passam no ambiente de sala de aula e a inserção de um novo personagem na história poderia dar outro rumo a ela. Os capítulos retratam uma situação de Bullying na qual a personagem professora Haydée por ter usado um colete ortopédico num dado momento foi apelidada de ciborgue pelos alunos. Essa oficina oportuniza tratar do assunto com a inserção de um novo personagem a fim de que ele reflita sobre que atitude ele poderia tomar ao presenciar tal situação

Outra possibilidade para tornar a leitura da obra mais interessante seria a prática da oficina “O visitante” que promove a interação do aluno com o texto. O professor propõe “a visita” do aluno ao ambiente em que se passa a história, nesse caso a sala de aula, contando o que vivenciou ou o aluno pode inventar uma personagem que teria vivido a história sem conhecimento do narrador. (COSSON, 2006 p. 131-2). Essa atividade pode ser conduzida pelo professor propondo um momento de concentração e de olhos fechados por uns instantes, pedir para que os alunos se imaginem na cena do capítulo. “Começo da manhã, na aula de ciências” e “O episódio do lanche” retratam o dia a dia da nova rotina que no sexto ano sofre alterações tanto nas disciplinas que são específicas quanto aos professores das diversas áreas dos anos finais do ensino fundamental.

O *bullying* novamente pode ser tratado já que a personagem Jade apelida de “Bereba” um dos principais personagens por ele ter manchas vermelhas concentradas na testa, fato esse que o incomodava muito, a ponto de a mãe dele já tê-lo levado a vários médicos a fim de tratá-lo.

Os alunos podem fazer uma roda de conversa para discutirem sobre a temática e relatarem quais atitudes teriam tomado na situação em que Jade trata Bereba por esse apelido e o comportamento de Mia ao tentar proteger Bereba das atitudes de Jade.

Na sequência os capítulos sete e oito “Como é ter um amigo com O maiúsculo” e “Ainda na classe, no começo da manhã” tratam do comportamento infanto-juvenil. As transformações que ocorrerem na personagem Mia ao descobrir que ter um amigo menino pode ser muito bom e diferente da amizade entre apenas meninas. Ela percebe que também pode haver gostos em comum com os meninos e questões familiares como o fato deles serem filhos únicos.

O ponto crucial deste capítulo e um dos mais importantes da obra é a descoberta de um bilhete que Mia encontra embaixo da carteira quando pegaria seu apontador. O bilhete era anônimo e a pergunta “Quer sentar do meu lado hoje na perua?” fez com que ela se desconectasse da realidade por alguns instantes tentando imaginar de quem poderia ser aquele bilhete. Para esses capítulos pode se trabalhar a oficina da “Pesquisa de opinião” que segundo Cosson “[...] pode ser utilizada na turma para avaliar o comportamento de um personagem ou até para prever um acontecimento dentro da história” (COSSON, 2006 p. 132).

Buscando a interdisciplinaridade, o professor pode ainda a partir do contexto analisado, ensinar os alunos a interpretar gráficos e índices percentuais a partir dos resultados coletados na pesquisa de opinião. Os questionamentos devem ser elaborados com o intuito de analisar atitudes e comportamentos por eles praticados na adolescência.

5. Considerações finais

Considerando a diversidade cultural do Brasil é de suma importância que o ensino da Língua Portuguesa possibilite o aluno a compreender o fenômeno da variação linguística, respeitando a maneira que cada indivíduo se expressa tendo em vista que a língua falada em cada região do país apresenta características singulares que deixam evidentes valores e marcas culturais. Dessa forma, esse artigo pretende propor o ensino da Língua padrão sem discriminar o conceito de certo e errado, estabelecer comparações entre as variações linguísticas permitindo o aluno pensar as diferenças sem discriminação a fim de minimizar o preconceito linguístico.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No que concerne a literatura, o artigo objetivou desenvolver o letramento literário e ampliar as competências leitora e escrita em sala de aula, que são eixos fundamentais da tarefa escolar para acesso à literatura. Assim, trabalhar na concepção do letramento corresponde como uma forma de enfrentar as situações de arrogância, indiferença e desconhecimento a respeito da literatura na escola. Esta forma de trabalhar, não pretende, pois, revolucionar o ensino de literatura, nem estabelecer marcos teóricos ou metodológicos, ao contrário, busca reinventar a forma de trabalhar a literatura em sala de aula.

A opção pela obra “O dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas Ilhas Maldivas” foi uma maneira de apresentar os alunos dos anos finais do ensino fundamental a uma leitura que se aproximasse da realidade deles como pessoa, discutindo assuntos que permeiam a fase infanto-juvenil, e com isso incentivar a leitura desde então para que o aluno aos poucos adquira gosto pela leitura. Para isso o enredo conta a história de Mia, que estava tendo um dia normal, mas tudo vira de cabeça para baixo quando recebe um convite inesperado, acompanhado por um chocolate de Bereba, um menino que até então era só um amigo. Isso desencadeia uma sucessão de eventos engraçados e inusitados - e, mais do que decidir qual é a sua resposta, Mia precisa lidar com a chegada nem sempre tranquila da pré-adolescência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 48. ed. Loyola: São Paulo, 2007
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Ed. Moderna, 2000. In: _____. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA VAL, M. G. *Redação e textualidade*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.

GOMES, M. L. C. *Metodologia do ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2009.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3.^a ed. São Paulo: Summus; Brasília: INL, 1979.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas – SP: Mercado das Letras, 1996.

REIS, K. *O dia em que minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas Ilhas Maldivas*. São Paulo: Seguinte, 2017.

SILVA, Taís Cristófar. *Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1999.